

CORES DA ESCRITA SEDICIOSA: DISTRIBUIÇÃO SOCIAL DA ESCRITA NOS MOVIMENTOS SEDICIOSOS DA BAHIA, DE MINAS GERAIS E DO RIO DE JANEIRO EM FINAIS DO SÉCULO XVIII

RESUMO

Nos últimos anos, a partir de desdobramentos investigativos da história social linguística do Brasil, o interesse pela história da cultura escrita em nosso país tornou-se evidente, principalmente quando tratamos do subcampo que se debruçou em levantar e investigar os *corpora* diacrônicos do Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB). Diante disso, na Bahia, surge o Programa História da Cultura Escrita no Brasil (HISCULTE), cujo principal objetivo é investigar, a partir de espaços institucionais e extrainstitucionais, as histórias da leitura e da escrita no território brasileiro, desde o início da colonização até aos dias atuais. Este trabalho insere-se nesse contexto. Aqui, buscamos pautar a difusão social da escrita no Brasil em finais do período colonial, com base nos processos devassatórios da *Conspiração dos Alfaiates*, na Bahia, da *Inconfidência Mineira*, em Minas Gerais, e da Revolta dos Letrados, no Rio de Janeiro. Estes são mananciais de extrema relevância, pois imprimem em sua manifestação os variados perfis sociológicos dos envolvidos direta e indiretamente nos movimentos sediciosos, quando estes oferecem seu depoimento. Relacionada a tais testemunhos, as assinaturas, sejam autógrafas, idiográficas e/ou não alfabéticas, nos oferecem uma relevante informação da aquisição da escrita dos sujeitos processados e, mais amplamente – quando consideramos o conjunto dos dados coletados –, de sua distribuição social. Nosso foco, aqui, é demonstrar, a partir da variável *cor*, como a escrita estava distribuída entre os envolvidos nas referidas sedições, com o objetivo de avaliar os perfis dos assinantes e dos não assinantes de cada um dos processos impetrados.

Palavras-chave: História da Cultura Escrita no Brasil. Difusão social da escrita. Movimentos Sediciosos.

COLORS OF THE SEDITIOUS WRITING: SOCIAL DISTRIBUTION OF WRITING IN THE SEDITIOUS MOVEMENTS OF BAHIA, MINAS GERAIS AND RIO DE JANEIRO AT THE END OF THE 18TH CENTURY

ABSTRACT

In recent years, the interest in the history of written culture in our country has become evident, especially when we are dealing with the subfield that has investigated the corpora diachronic of the Project for History of Brazilian Portuguese (PHPB). Thus, in Bahia, the Program History of Written Culture in Brazil (HISCULTE) arises, whose main objective is to investigate, from institutional and extrainstitutional spaces, the stories of reading and writing in Brazilian territory, from the beginning of colonization to the present day. This work is part of this context. Here, our pursuit is to guide the social diffusion of writing in Brazil at the end of the colonial period, based on the devasatory processes of the *Conspiração dos Alfaiates*, in Bahia, the *Inconfidência Mineira*, in Minas Gerais, and the *Revolta dos Letrados*, in Rio de Janeiro. These are sources of extreme relevance because they show in their manifestation the varied sociological profiles of those involved directly and indirectly in the seditious movements, when they offer their testimony. Related to these testimonies, signatures, whether autographs, idiographic and/or non-alphabetic, provide us with relevant information on the acquisition of the writing of the processed subjects and, more broadly - when considering the set of collected data - of their social distribution. Our focus, here, is to demonstrate, from the measurement of the color variable, how the writing was distributed among those involved in the mentioned seditions, with the objective of evaluating the subscriber and non subscriber profiles of each of the filed lawsuits.

Keywords: History of Written Culture in Brazil. Social diffusion of writing. Seditious Movements.

COLORES DE LA ESCRITURA SEDICIOSA: DISTRIBUCIÓN SOCIAL DE LA ESCRITURA EN LOS MOVIMIENTOS SEDICIOSOS DE BAHIA, DE MINAS GERAIS Y DE RÍO DE JANEIRO EM FINALES DEL SIGLO XVIII

RESUMEN

En los últimos años, a partir de desdoblamientos investigativos de la historia social lingüística de Brasil, el interés por la historia de la cultura escrita en nuestro país se ha tornado evidente, principalmente cuando tratamos del subcampo que se dedicó a levantar e investigar los *corpora* diacrónicos del Proyecto para la Historia del Portugués Brasileño (PHPB). Delante de ello, en Bahia, surge el Programa Historia de la Cultura Escrita en Brasil (HISCULTE), cuyo principal objetivo es investigar, a partir de espacios institucionales y extrainstitucionales, las historias de la lectura y de la escritura en territorio brasileño, desde el inicio de la colonización hasta los días actuales. Este trabajo está insertado en ese contexto. Aquí, buscamos pautar la difusión social de la escritura en Brasil en finales del período colonial, con base en los procesos de *devassa* de la *Conspiração dos Alfaiates*, en Bahia, de la *Inconfidência Mineira*, en Minas Gerais, y de la *Revolta dos Letrados*, en Río de Janeiro. Estos son manantiales de extrema relevancia, pues imprimen en su manifestación los variados perfiles sociológicos de los involucrados directa e indirectamente en los movimientos sediciosos, cuando estos nos ofrecen su testimonio. Relacionada a tales testimonios, las firmas, sean autógrafas, idiográficas y/o no alfabéticas, nos ofrecen una relevante información de la adquisición de la escritura de los sujetos procesados y, más ampliamente - cuando consideramos el conjunto de los datos recopilados -, de su distribución social. Nuestro eje, aquí, es demostrar, a partir de la variable *cor*, como la escritura estaba distribuida entre los involucrados en las referidas ediciones, con el objetivo de evaluar los perfiles de los firmantes y no firmantes de cada uno de los procesos impetrados.

Palabras clave: Historia de la Cultura Escrita en Brasil. Difusión social de la escritura. Movimientos Sediciosos.

COLORES DE LA ESCRITURA SEDICIOSA: DISTRIBUCIÓN SOCIAL DE LA ESCRITURA EN LOS MOVIMIENTOS SEDICIOSOS DE BAHIA, DE MINAS GERAIS Y DE RÍO DE JANEIRO EM FINALES DEL SIGLO XVIII

RÉSUMÉ

Ces dernières années, à partir des développements d'investigation de l'histoire sociale linguistique du Brésil, l'intérêt pour l'histoire de la culture écrite dans notre pays est devenu évident, surtout quand on traite le sous-champ qui recherché la conception du corpus diachronique pour le Projet Histoire du Portugais Brésilien (PHPB). Ainsi, à Bahia, se pose le Programme d'Histoire de la Culture d'Écriture au Brésil (HISCULTE) dont l'objectif principal est d'étudier, des espaces institutionnels et extrainstitutionnels, les histoires de lecture et d'écriture au Brésil, depuis le début de la colonisation à jusqu'à aujourd'hui. Ce travail fait parti de ce contexte. Ici, nous cherchons à guider la diffusion sociale de l'écriture au Brésil à la fin de la période coloniale, basée sur les processus de la Conspirations des Tailleurs, en Bahia, de la Conspiration de Minas, en Minas Gerais, et la Révolte du Alphabétisé, en Rio de Janeiro. Ce sont des sources d'une extrême importance, car dans son impression on voit la manifestation des différents profils sociologiques de manière directe et indirecte dans les mouvements séditieux quand ils offrent leur témoignage. Liés à ces témoignages, les signatures, manuscrites, idéographiques et / ou non-alphabétiques, nous offrent d'informations pertinentes sur l'acquisition de l'écriture du sujet et, plus - si l'on considère toutes les données collectées - de leur répartition sociale. Notre objectif ici est de démontrer, à partir de la variable de couleur, que l'écriture a été distribué parmi les personnes impliquées dans ces séditions, afin d'évaluer les profils d'abonnés et non-abonnés de chacun des procès intentés.

Mots-clés: Histoire de la culture écrite au Brésil. Diffusion sociale de l'écriture. Mouvements Séditieux

1 INTRODUÇÃO

Quando se trata de história da cultura escrita enquanto objeto teórico e/ou empírico de pesquisa, Armando Petrucci (1999, p. 25), um dos principais destaques da área³, sugere que toda investigação que queira estudar as relações entre cultura escrita e sociedade, de uma maneira geral, deve levar em conta, em qualquer caso,

[...] la difusión social de la escritura, entendida genéricamente como pura y simple capacidad de escribir incluso en su nivel más bajo, es decir, como porcentaje numérico de los individuos que en cada comunidad están en condiciones de emplear activamente los signos del alfabeto; que debe unirse y compararse con el cociente de difusión social pasiva de los productos gráficos, constituido por los destinatarios de los mensajes escritos, sea en tanto lectores, sea en tanto usuarios de lo escrito incluso de una manera indirecta, es decir, meramente visual⁴;

[...] la función que la escritura en sí misma asume en el ámbito de cada sociedad organizada y que cada tipo o producto gráfico asume, a su vez, en el ámbito de un ambiente cultural concreto que lo produce y lo emplea; de donde deriva (o puede derivar) el grado de prestigio social de los escribientes (o, mejor, de los capaces de escribir) en la jerarquía social⁵ (PETRUCCI, 1999, p. 25-26).

Dessa forma, segundo o paleógrafo italiano, por em foco a difusão social da escrita especificamente significa estudar, dentre vários direcionamentos, a diferente distribuição do grau de alfabetização, ativa e passiva, nos distintos setores de uma sociedade dividida em classes. Contudo, no Brasil, esse direcionamento ainda requer uma atenção para tempos pretéritos, pois, segundo Ana Maria Galvão (2010, p. 241),

[...] não temos (ou pelo menos não localizamos), no caso brasileiro, uma produção, tal como ocorre na Europa ou nos

Estados Unidos, que permita situar, em escala societal, a presença da alfabetização e do letramento ao longo desses cinco séculos de história do país. No levantamento realizado, não foi localizado nenhum estudo que pudesse ser classificado estritamente como pertencente a essa linha de investigação. Portanto, no país não há um mapeamento da distribuição social da alfabetização anterior ao primeiro censo demográfico, que foi realizado em 1872. Não sabemos, por exemplo, quem eram e onde estavam aqueles que sabiam ler e escrever (GALVÃO, 2010, pp. 241-242).

Segundo a referida pesquisadora, isso ocorre porque

[...] na maior parte do país, não existem acervos organizados que nos permitam reconstruir séries de registros paroquiais, por exemplo, fundamentais para se realizar uma história demográfica e quantitativa. Esses registros estão dispersos em arquivos eclesiásticos ou em paróquias isoladas e são extremamente fragmentados. Além disso, nem sempre esses registros trazem o tipo de informação que precisamos (GALVÃO, 2010, p. 241).

Primeiramente, sobre a quase inexistência de pesquisas sobre a história da cultura escrita no Brasil, as investigações que se debruçam sobre esse assunto em nosso país são desenvolvidas basicamente em faculdades de Educação e de Letras, contextos em que a grande maioria dos pesquisadores são inexperientes em prospecção arquivística e leitura de fontes manuscritas. Além disso, é possível notar que os historiadores *stricto sensu* têm a história da cultura escrita como objeto apenas de forma excepcional.

Sobre os motivos apontados por Galvão (2010) que poderiam impossibilitar as pesquisas sobre a distribuição social da escrita na história brasileira, principalmente a partir da primeira metade do século XIX para trás, apresentamos algumas discordâncias.

Em primeiro lugar, não consideramos a dispersão das fontes como um obstáculo para este tipo de pesquisa, porque, valendo-se de estudos pontuais e localizados, a partir de acervos dispersos e fragmentados, que mais tarde comporão um aglomerado de “histórias parciais”, poderemos, sim, constituir uma aproximação da história da alfabetização do país. Além do mais, sabemos que a dispersão e a fragmentação de acervos não são uma característica somente do Brasil⁷.

Quanto à informação da pesquisadora de que as fontes não nos fornecem geralmente o tipo de informação necessária, quando buscamos investigar os níveis de alfabetização na história do Brasil, trazemos à luz um tipo de fonte que parece estar preenchendo esta lacuna: as *devassas*. Elas se constituem de variados gêneros da esfera jurídica, que acionam inquéritos, depoimentos e acareações testemunhais, pareceres e relatórios de tributos gastos com o processo de *devassagem*.

A instauração de uma *devassa* tem por finalidade investigar um delito que infrinja as leis que estruturam uma determinada esfera social. Ela, enquanto mais um elemento judiciário, imprime em seu conteúdo aspectos relevantes da constituição sociológica do contexto em que está sendo implantada. E é isso que a elege como uma fonte documental privilegiada para a história da alfabetização no Brasil, pelo menos em relação à mensuração de níveis de alfabetismo, pois, para além das características dos perfis sociais dos depoentes, nela se fazem presentes os seus registros de assinatura, demarcando aqueles que assinaram, a partir de firmas autógrafas e/ou idiógrafas, ou aqueles que não assinaram, a partir de sinais indicativos que denunciam sua inabilidade de execução gráfico-alfabética.

No Brasil, muitas foram as *devassagens* no período colonial e pós-colonial, as quais brotavam dos mais variados contextos, desde os mais pontuais e localizados até os mais globais, como sedições e movimentos separatistas, a exemplo da *Conspiração dos Alfaiates* (1798), na Bahia, da *Inconfidência Mineira* (1789), em Minas Gerais, e da *Revolta dos Letrados* (1794),

no Rio de Janeiro. O que parece ficar claro, então, é que, mesmo dispersas por todo território, as *devassas* são uma importante fonte documental para as investigações da história do alfabetismo, pois, a partir do método do cômputo de assinaturas e das descrições sociológicas que os escrivães nos deixaram, poderemos delimitar os perfis dos sujeitos envolvidos nessas sindicâncias, construindo histórias parciais de cada contexto específico da difusão e da penetração da cultura escrita no país, em que se fez presente esse tipo de procedimento jurídico.

Sobre o método do cômputo de assinaturas designadamente, Roger Chartier (2006, p. 14) nos diz que “a porcentagem de signatários pode indicar muito globalmente o limite de familiaridade com a escrita alcançado por uma sociedade”, pois o número de assinaturas registradas não pode representar fielmente a competência cultural particular dos níveis de alfabetismo. Por isso mesmo, propõe-nos que

[...] tal constatação não nos leva a negar as porcentagens de assinaturas pacientemente coletadas através dos séculos e dos sítios, mas apenas a avaliá-las pelo o que são: indicadores culturais macroscópicos, compósitos, que não medem exatamente nem a difusão da capacidade de escrever, mais restrita do que os números indicam, nem a da leitura, que é mais extensa. (CHARTIER, 2006, p. 114).

Dessa forma, com base no que nos propõe o pesquisador francês, temos o objetivo de demonstrar panoramicamente a distribuição social da escrita nos três principais movimentos sediciosos de finais do século XVIII, a partir dos dados gerais levantados nos *Autos da Devassa da Conspiração dos Alfaiates*, nos *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira* e nos *Autos da Revolta nos Letrados*. Para este momento, centrar-nos-emos na relação da variável com cor com a presença ou ausência de assinaturas alfabéticas nos depoimentos dos envolvidos, direta ou indiretamente, em tais processos.

2 CORE ESCRITA EM INSURREIÇÕES COLONIAIS: DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE DADOS⁵

2.1 O caso da conspiração dos alfaiates (1798), na bahia

Sobre a variável cor, no caso dos dados levantados para a Conspiração dos Alfaiates (1798), os homens apresentam-se numa composição racial “colorida”, pois é possível notar a presença de brancos, de pardos, de crioulos, de pretos e de cabras nos *autos* analisados, além daqueles cuja a cor o notário não especificou. Tais indivíduos, distribuídos em *assinantes* e *não assinantes*, podem ser visualizados da seguinte maneira:

Tabela 1 (Conspiração dos Alfaiates) – Homens versus cor

Cor	Assinantes	Não assinantes	Total
brancos	94% (147)	6% (09)	63% (156)
pardos	93% (57)	7% (04)	24% (61)
crioulos	33.5% (02)	66.5% (04)	2.3% (06)
pretos	0% (0)	100% (03)	1.2% (03)
cabras	100% (01)	0% (0)	0.5% (01)
não identificada	100% (22)	0% (0)	9% (22)
total	91% (229)	9% (20)	100% (249)

Levando em consideração os números expostos, podemos observar que os homens identificados como brancos ou pardos representam a maior parcela de indivíduos que depuseram diante dos notários responsáveis pelo referido processo de *devassagem*, com 217 depoimentos, correspondentes a 87% do total. Destes, 94% dos brancos e 93% dos pardos assinam seus testemunhos. De forma contrária, os crioulos – ou seja, negros nascidos no Brasil –, os pretos – no caso específico, os africanos – e os cabras, apesar de corresponderem a um número relativamente pequeno do conjunto total de indivíduos envolvidos nos *Autos da Devassa da Conspiração dos Alfaiates*, representam o contingente de maioria *não assinante*.

Esses dados nos revelam a existência de dois grupos distintos de indivíduos, quando analisamos a competência de assinar autograficamente os depoimentos: os brancos e pardos de um lado e os africanos, negros brasileiros e cabras de outro. Apesar disso, é possível

notar que um cabra e dois crioulos assinaram seus testemunhos. Quais elementos podem ser elencados para tentar explicar os motivos que levaram esses três homens a terem desenvolvido, pelo menos, a habilidade de assinar seus nomes? Vejamos o quadro abaixo:

Quadro 1 (Conspiração dos Alfaiates) – Crioulos e cabras assinantes

Nome	Cor	Est. civil	Est. Social	Profissão	Idade
Mathias Francisco do Rozario	Criolo	_____	_____	guarda nas cadeias da Relação	36
Custodio de Araujo da Silva	Criolo	solteiro	Forro	vive de officio de carapina	42
Domingos Nogueira	Cabra	viúvo	_____	vive de escrever	36

Se observarmos atentamente, veremos que todos estes apresentam uma profissão “especializada”, principalmente quando observamos Domingos Nogueira, apontado como um homem que vivia de escrever. Mathias Francisco do Rosário e Custódio de Araújo da Silva, exibidos como crioulos, são indicados, respectivamente, como guarda das Cadeias da Relação e oficial de carapina. Esses ofícios poderiam ter facilitado, ou mesmo determinado, o desenvolvimento da habilidade da arte de escrever para a efetivação de suas demandas, como os relatórios dos presos e/ou a contagem e registro das encomendas de carpintaria em geral.

2.2 O caso da inconfidência mineira (1789), nas Minas Gerais

Quando observamos o cruzamento dos homens com a variável *cor* no caso dos *Autos da Inconfidência Mineira*, temos a seguinte tabela:

Tabela 2 (Inconfidência Mineira) – Homens versus cor

Cor	Assinantes	Não assinantes	Total
Branco	9 (90%)	1 (10%)	10 (5,5%)
Pardos	12 (100%)	0 (0%)	13 (7,2%)
Crioulos	1 (100%)	0 (0,0%)	1 (0,6%)
Pretos	0 (0,0%)	1 (100%)	0 (0,0%)
Cabras	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)
não identificada	154 (98,08%)	3 (1,92%)	157 (86,7%)
Total	176 (97%)	5 (3%)	181 (100%)

Dos 181 homens, somente 24 apresentam sua cor explicitada. Entre os brancos, temos nove *assinantes*, com um percentual de 90%. Entre os pardos, temos

doze firmantes, com um percentual de 92.3%. Há, ainda, um crioulo, que assina seu depoimento. É possível observar também um preto (de origem africana) *não assinante*. Além desses dados, temos 157 homens cuja cor não foi apresentada. Destes, 154 firmaram suas assinaturas após seus depoimentos, representando um percentual de 98.08%. Em relação a este último aspecto, provavelmente, por ser a cor branca o dado não marcado, tais indivíduos sejam igualmente brancos. Sendo assim, quando agrupamos os brancos com os que não tiveram sua cor identificada, temos o número de aproximadamente 90% de *assinantes*. Ou seja, como ocorre nos dados mensurados dos autos da *Conspiração dos Alfaiates*, os dois grupos significativos de firmantes, na variável *cor*, são os brancos e pardos.

2.3 O caso da revolta dos letrados (1794), no rio de janeiro

Sobre a cor dos homens envolvidos na insurreição carioca, temos os seguintes dados:

Tabela 3 (Revolta dos Letrados) – Homens versus cor

Cor	Assinantes
Não identificada	97.5% (78)
Parda	2.5% (01)
Total	100% (79)

Como é possível notar, entre os 79 homens envolvidos, somente um teve sua cor explicitada, representando um percentual mínimo de 2.5%. Este era Estácio Gomes de Carvalho, natural do Brasil, solteiro, de 41 anos, que vivia do ofício de alfaiate. Já 97.5% dos homens que não tiveram suas cores identificadas, por ser esta a realidade não marcada socialmente, poderiam ser classificados como brancos, porém, temos uma questão que problematiza tal consideração. Segundo Lucas (2002), Manoel Avarenga, fundador e principal articulador da Sociedade Literária do Rio de Janeiro, era um homem mestiço, sendo, obviamente, não branco. A pergunta que emerge, diante do apagamento desse dado durante o processo, é por que sua condição de mestiço não foi demarcada?

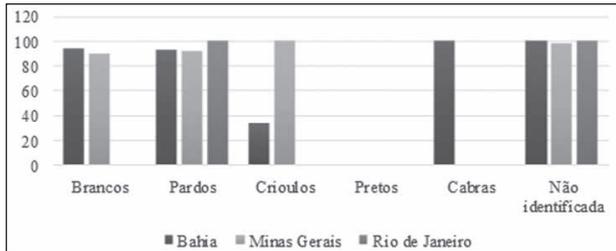
Para nós, a condição de mestiço não é uma questão que recai somente sobre o fenótipo dos indivíduos, mas fundamentalmente sobre seu perfil sociológico, pois, como apontou Darcy Ribeiro (1995), os chamados “brancos” brasileiros não necessariamente eram filhos de europeus que para cá migraram, mas, sim, em sua grande maioria, homens e mulheres mestiças que, afastadas da lógica escravocrata, estavam inseridas em contextos privilegiados da sociedade, marcadamente dominados por brancos. Sendo assim, mesmo sendo geracionalmente mamelucos ou pardos, por exemplo, estes poderiam ser identificados como brancos devido à sua condição e posição na sociedade colonial. Para mais, mesmo tendo sua cor explicitada, os pardos aproximam-se da realidade, no que diz respeito aos nossos dados, conferida para os sujeitos apontados como brancos, pois essa categoria apresenta um percentual de assinantes muito próximo do que foi observado para estes. Ou seja, é possível dizer que, quando a cor não é explicitada nos *autos*, o indivíduo é considerado um sujeito que está no rol dos privilegiados socialmente, tanto econômica quanto politicamente.

Contudo, é extremamente relevante apontar que o detentor de uma das melhores bibliotecas da cidade do Rio de Janeiro, fundador e articulador de uma sociedade literária, e, também, formador de muitos intelectuais do período, era um homem mestiço, que poderia ser identificado como pardo, mas que, todavia, não o foi. Isso poderia ter acontecido por causa justamente de sua posição perante à sociedade da capital da colônia, que o via como um homem que carregava a estirpe, mesmo que simbólica, do universo dos brancos, por ter estudado na metrópole e por ser um professor e intelectual muito atuante. Então, como lidar com essa questão? Nós, quando foi possível identificar a ascendência dos indivíduos, explicitamos suas cores, contudo, quando isso não foi possível, por estas não estarem demarcadas nos *autos*, seguimos a lógica da realidade não marcada, que marca indivíduos como brancos por estarem em inseridos nos contextos privilegiados socialmente demarcados.

2.4 Dados comparativos gerais

Em relação à cor dos indivíduos, quando analisamos especificamente a categoria dos homens *assinantes*, temos o seguinte quadro:

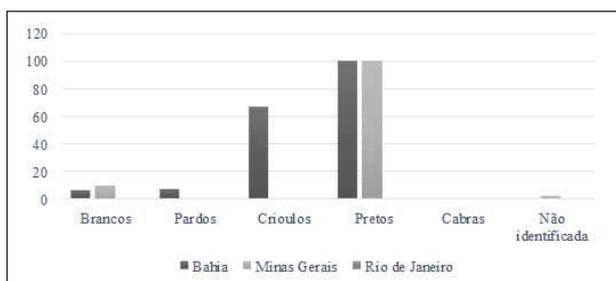
Quadro 1 - Repartição por cor: homens assinantes



Como é notório, os dados revelam uma constante percentual, ocorrendo basicamente diferenças nítidas no número de crioulos e de cabras *assinantes*. Sendo assim, temos um contingente de homens brancos, pardos e de cor não identificada (prováveis “brancos”) como o grupo predominantemente constituído por firmantes. Nos *autos* correspondentes às *Minas Gerais*, há mais crioulos que assinaram seus depoimentos, dado este muito interessante, pois, mesmo não sendo um condicionante favorável para encontrarmos indivíduos assinantes, revela-nos que a conjuntura de mineração pode ter contribuído para aglomeração de sujeitos em espaços urbanos e, conseqüentemente, para a difusão da escrita. Além disso, as atmosferas das insurreições também podem ter colaborado para isso, pois, como será abordado *a posteriori*, havia uma intensa circulação da escrita nos contextos sediciosos, fato este que cooperou definitivamente para que os homens e mulheres envolvidos nos movimentos, caso não soubessem, pudessem ter aprendido a escrever e ler.

Já em relação ao conjunto dos homens que não assinaram seus testemunhos, temos os seguintes números:

Quadro 1 - Repartição por cor: homens não assinantes



Como é possível observar, nas esferas da insurreição baiana e mineira, nenhum preto – caracterização de cor dada aos africanos – assinou seu depoimento. Esse fato pode ser explicado, como já apontado em momentos anteriores, por dois motivos. Primeiramente, quando tratamos de africanos, não podemos deixar de pautar que estamos tratando de sujeitos que não tinham o português como primeira língua, aprendendo-a aqui em contextos de transmissão linguística irregular, além do fato de que, se estavam em contextos irregulares de aquisição, mais dificultoso seria ainda adentrar no universo cultural da escrita dessa mesma língua. Além disso, a condição de escravizado, como notamos na análise dos dados, foi um elemento desfavorável para tais indivíduos se inserirem nesse universo, principalmente em se tratando de sujeitos que não possuíam nenhuma profissão qualificada específica, estando fora da intensa mobilidade social das microzonas urbanas.

Assim sendo, há divergências somente entre os números de crioulos e pretos, pois, os *autos* da *Inconfidência Baiana* agruparam um percentual relativamente maior do que o que pode ser observado para os *autos* da *Inconfidência Mineira*. Isso pode ter acontecido, provavelmente, devido ao número maior de testemunhantes da *Conspiração dos Alfaiates*, ou mesmo por causa da própria realidade conjuntural da sedição das Gerais. Como sabemos, tal movimento apresentou nítidas divergências quando o assunto era a condição dos escravizados, pois uma parcela dos insurgentes queriam a abolição e outra queria a manutenção desse sistema de mão de obra. Dessa maneira, diante dessas desarmonias, a presença de africanos e de seus filhos escravizados pode ter sido desfavorecida, contribuindo para o desequilíbrio percentual dos dados aqui analisados.

Contudo, estes não tiveram totalmente fora do universo da escrita, pois, como apontou Oliveira (2006) em sua Tese de Doutorado, uma irmandade negra, fundada por africanos em 1832, produzia extensamente documentos escritos por homens oriundos de África e isso pode ter ocorrido justamente por causa da atmosfera institucional da própria Irmandade, que exigia trâmites administrativos pautados na escrita. Além disso,

um outro motivo era a própria realidade urbana, que, como pontuamos, colabora para que tais indivíduos se envolvessem, mesmo que indiretamente, com a circulação da escrita, seja devido às relações comerciais, seja por questões notariais, como os depoimentos que eram comumente feitos para as investigações devassas.

Sobre os outros grupos, é notório que os percentuais de homens brancos, de pardos e dos que não tiveram suas cores explicitadas são similares para as três insurreições, excetuando-se, em relação à cor branca, a *Revolta dos Letrados*, que teve somente um homem cuja a cor parda foi identificada. Correspondendo a uma minoria de sujeitos não assinantes, estes podem ser agrupados numa categoria minoritária de indivíduos que, por motivos diversos, não souberam firmar seus nomes após seus testemunhos.

Entretanto, como vimos antes, os homens demarcados como brancos e pardos, além dos que não tiveram cor explicitada, representam um enorme contingente de assinantes, aproximando, no caso da escrita das firmas, os pardos aos brancos. Por isso, consideramos necessário entendermos, afinal, o que significaria ser pardo no período colonial. Vejamos.

2.4.1 A questão dos pardos

No período colonial, a cor indicava a procedência dos indivíduos, marcando seu registro social no diversificado sistema de hierarquias, principalmente durante o século XVIII. Segundo Mariza Soares (2000, p. 29),

No século XVIII, a inscrição social se faz, em primeiro lugar, pela cor. As elites são supostamente ‘brancas’ e de ‘sangue limpo’. Os ‘pretos’ são escravos ou forros, raramente livres. Entre uns e outros, os ‘pardos’. No século XVIII, a cor fala da condição social de cada um e, como tudo mais nas sociedades do Antigo Regime, distingue e hierarquiza. (SOARES, 2000, p. 29).

Em meio a esse contexto, a categoria de *pardo* foi criada, segundo Hebe Mattos (1995, p. 101), como

uma especificidade linguística “para expressar uma nova realidade, sem que sobre ela recaísse o estigma da escravidão, e sem que se perdesse a memória dela e das restrições civis que implicava”. Isso quer dizer que, para tais pardos, as novas demandas sociais exigiram a criação de classificações para marcar aqueles que, apesar de terem um passado com a escravidão, não mais se encaixavam nessa realidade. Dessa forma, esse aspecto tornava possível aos chamados *pardos* uma ascensão social, mesmo que parcial, na sociedade colonial brasileira.

Como foi possível observar, nos dados apresentados para a *Conspiração dos Alfaiates*, por exemplo, dos 61 pardos, 57 assinaram seus testemunhos, representando um percentual de 93%. Esse número se apresenta extremamente alto, revelando estarem os *pardos* no mesmo patamar dos números registrados para os brancos. Alguns destes são identificados como livres (33), como alforriados (17) e, também, como escravizados (11). Entre estes, 09 pardos escravizados assinaram seus testemunhos e 15 ex-escravizados também firmaram seus nomes após seu depoimento. Para a *Inconfidência Mineira*, mesmo com um quantitativo menor, encontramos dados muito similares, pois todos os 12 homens pardos assinaram seus testemunhos e, entre as duas mulheres, uma também assinou. Para mais, em relação aos homens, dois destes são escravizados. Encontramos, também, um pardo para a *Revolta dos Letrados*, que também assina seu nome, contudo, não tem seu estatuto social demarcado, podendo, conjecturalmente, ser classificado como um homem livre.

Se, como coloca Mattos (1995), essa é uma categoria que distancia tais indivíduos do contexto da escravidão, o que dizer dos chamados *pardos* apontados como escravizados ou ex-escravizados, os quais, em muitos casos, assinaram seus depoimentos?

Sobre isso, Oliveira (2006) diz que os *pardos*, entre os não brancos, eram os mais privilegiados, porque angariavam com maior facilidade, seja na infância ou na fase adulta, a liberdade, pois a estrutura social da colônia era mais aberta a esse contingente, viabilizando, mesmo para os *pardos* ainda escravizados, con-

dições favoráveis para a aquisição da escrita, como o caso da especialização de alguma profissão. Além disso, segundo ele, há registros de que muitos deles foram aceitos em instituições de ensino, como o caso da Casa Pia Colégio dos Órfãos de São Joaquim, fundada em 1825. Ou seja, é possível identificar uma posição distinta para os *pardos* em relação aos outros contingentes de não brancos.

Porém, a cor parda apresenta uma complexa realidade no período colonial, pois esta emerge com a diversidade e a mobilidade social latente a este período. Segundo Paiva (2001, p. 32),

Novas cores eram forjadas pela sociedade colonial e por ela apropriadas para designar grupos diferentes de pessoas, para indicar hierarquizações das relações sociais, para impor a diferença dentro de um mundo cada vez mais mestiço. De cor de pele à dos panos que a escondia ou a valorizava até a pluralidade multicolor das ruas coloniais, reflexo de conhecimentos migrantes, aplicados à matéria vegetal, mineral, animal e cultural: a colônia criava tonalidades ainda desconhecidas pela metrópole.

Como é possível notar, as novas composições sociais da colônia contribuíram para o forjamento de novas categorias de cor, que tentavam agrupar indivíduos que não mais se encaixavam em contextos que classificavam apenas brancos, pretos ou índios. Novas realidades surgiram e, com isso, novas classificações precisaram emergir para dar conta dessa nova sociedade que se formava. Como ficou claro, as conjunturas das sedições aqui analisadas, apesar de concentrar indivíduos brancos ou que não tiveram suas cores delimitadas, reflete bem essa atmosfera de transformações quando tratamos, por exemplo, da condição dos *pardos*.

Vimos, por exemplo, que a circunstância de mineração proporcionou uma intensa mobilidade social por contribuir fortemente com o desenvolvimento urbano das Gerais e do Rio de Janeiro, colaborando, assim, com o surgimento de novas categorias étnicas. Porém, essa

realidade também pôde ser vista para Salvador, quando tratamos da *Conspiração dos Alfaiates*. Mesmo longe da economia do extrativismo mineral, a primeira capital do Brasil já possuía uma estrutura urbana relativamente desenvolvida, contribuindo fortemente para o desenvolvimento de novas palhetas de cor.

Dessa forma, tratando especificamente dos *pardos*, é possível dizer que essa nova concepção étnica aparece para dar conta de um contingente de mestiços que se afastava do perfil sociológico atribuído aos africanos e aos seus filhos, que comumente atuavam nas zonas rurais, e que não tinham acesso ao universo cultural da escrita por exemplo. Ou seja, pelo que vimos, os *pardos* estão explicitamente muito mais presentes nas áreas urbanas, contextos em que a pluralidade e a mobilidade social são muito mais evidentes, contribuindo, inclusive, para a qualificação destes em profissões especializadas, um outro fator favorável para a aquisição da escrita.

3 AS LETRAS DE INCONFIDÊNCIA NA HISTÓRIA DO BRASIL COLONIAL

Diante dos dados obtidos, é possível levantar algumas hipóteses para entendermos os altos índices de alfabetismos encontrados nos *autos* aqui analisados, principalmente quando tratamos dos contingentes de não brancos. Para isso, avaliaremos os caminhos para a alfabetização de escravos no Brasil colonial e pós-colonial, explicitados por Klebson Oliveira (2006), quando este, a partir de um conjunto de propostas diversificadas, sugere possíveis respostas para entendermos como tais indivíduos conseguiram desenvolver as habilidades da escrita, da leitura e/ou da contagem num período em que a escolarização era proibida a esse contingente.

Sendo assim, a partir dos elementos sociológicos explicitados anteriormente, sugerimos, no desenrolar da descrição dos dados, alguns indícios que tenham favorecido a aquisição, mesmo que ínfima, da escrita pela maioria das testemunhas e/ou acusados dos *autos*. Mas esses resultados seriam extensivos a toda população baiana? Se sim, quais são os elementos que podem fortalecer essa afirmativa? Se não, quais os elemen-

tos que podem explicar o alto índice de assinantes encontrados nos *autos dos processos devassatórios* em questão?

Para nós, os números obtidos não representam de forma clara e consistente a realidade dos índices de alfabetismos no Brasil de finais do século XVIII, pois, se assim fosse, estaríamos tratando de uma provável “república das letras”. Na realidade, muitos historiadores, a partir de investigações diversas, ainda afirmam que o nosso país, nos períodos colonial e pós-colonial, apresentava números muito baixos de alfabetizados. Então, por que os dados mensurados apresentam números tão altos? Sobre isso, faremos algumas explicações, levantando hipóteses que possam nos indicar os motivos que nos levaram a encontrar índices extremamente elevados de alfabetismos.

Para dar cabo disso, primeiramente, buscaremos explicar algumas questões sobre o primeiro censo oficial do Brasil, em relação aos dados sobre a instrução da população da província da Bahia, em 1872, com o intuito de estabelecer referenciais diacrônicos que possam nos aproximar dos números de alfabetizados na província da Bahia. Assim sendo, as informações coletadas em finais do século XIX revelam que cerca de 249.136 indivíduos sabiam ler e escrever, cujo percentual era de 18% do total da população baiana. Os que não sabiam ler e escrever chegavam a 1.130.542 indivíduos, compondo um percentual de 82% de analfabetos. Para mais, somente 35.365 frequentavam escolas, cujo percentual não passava de 2.5% da população⁶.

Diante de tais dados, levantados quase um século após tais movimentos, é possível afirmar que a maioria da população baiana, mineira e carioca, em fins dos oitocentos, não sabia ler e/ou escrever. Partindo disso, se recuarmos oito décadas, para finais dos setecentos, esse número provavelmente não seria muito diferente. Aliás, o número de analfabetos poderia ser demasiadamente maior se levarmos em conta que o século XIX foi marcado por profundas transformações sociais, que poderiam ter viabilizado o aumento gradativo dos índices de alfabetismo. Dessa forma, como seria possível tratar os resultados encontrados

para a Conspiração dos Alfaiates, para a Inconfidência Mineira e para a Revolta dos Letrados? Uma resposta plausível seria investigar as conjunturas dos movimentos de inconfidência no Brasil. Vejamos.

Buscando identificar outras possibilidades para o entendermos o fenômeno da alfabetização na história do Brasil colonial e pós-colonial, alguns pesquisadores, interessados em desvendar os caminhos que explicariam, talvez, o porquê de o analfabetismo não se ter feito presente em 100% da população escrava, investigaram diversas circunstâncias históricas que tenham favorecido esse contingente a adentrar efetivamente no universo da cultura escrita. Um deles foi Klebson Oliveira (2006). O referido pesquisador propõe basicamente três vias para compreendermos como os africanos e seus descendentes aprenderam a ler e escrever num contexto em que, na sociedade brasileira, o negro era proibido de frequentar escolas, pelo menos até o ano da abolição de seu sistema escravocrata, em 1888. São eles:

Relações afetuosas dos escravos com a família senhorial;

Especialização de algumas profissões, que exigiam algum conhecimento da leitura e escrita;

O valor positivo da alfabetização entre negros e o papel das irmandades negras.

Em relação ao primeiro caminho, Oliveira (2006) nos diz que uma provável possibilidade de esse contingente ter aprendido a ler e a escrever foram as relações afetuosas destes com os seus “senhores”. Isso quer dizer que, no convívio doméstico, haveria maiores chances de um estreitamento dos laços entre escravos e seus donos, situação que poderia oferecer um ambiente propício para que alguns destes adquirissem a leitura e a escrita, quando, por exemplo, os filhos de seus “senhores” estivessem expostos à alfabetização com professores particulares que atuassem diretamente em suas residências, tanto em contextos rurais, quanto urbanos. Mas, para que possamos entender tais relações claramente, ele revela que é necessário entendermos os envolvimentos dos chamados escravos domésticos com seus “senhores”, apontando que este é um

[...] percurso difícil de ser reconstruído, uma vez que essas relações, estabelecidas dentro dos casarios, não deixaram, quanto ao aspecto que se busca, registros em outros lugares da sociedade passada. Os estudos de história social, entretanto, parecem deixar claro que as relações mais 'afetuosas' entre escravos e famílias dos senhores tinham mais chances de se estreitar com os chamados escravos domésticos, ou seja, aqueles que ocupavam lugares de trabalho dentro dos domicílios, o que seria mais raro com os escravos urbanos, uma vez que viviam a trabalhar nas várias atividades comerciais (ambulantes, carregadores etc) e o ganho obtido era dado ao seu dono, e com os escravos rurais, porque as atividades agrícolas não possibilitavam contatos mais diretos entre eles e senhores (OLIVEIRA, 2006, p. 56).

O segundo caminho apontado por ele é a especialização de algumas profissões de escravos, que exigiam algum conhecimento da leitura, da escrita e da contagem. Oliveira (2006, p. 60) elucida, com base em pesquisas desenvolvidas por Maria José de Sousa Andrade (1998), que

[...] quanto aos pouquíssimos escravos que sabiam ler e escrever, as fontes estudadas pela historiadora não se calaram: "Cândido, pardo, moço, que tem habilidade de caixeiro do trapiche e que sabe ler e escrever e contar, sem moléstia, avaliado em 900\$000". Como nota Andrade (1988), nesse caso acima transcrito, o ofício do escravo em questão mais a habilidade na leitura, na escrita e nas contas fizeram que fosse ele mais valorizado, em 900\$000, uma vez que existiam outros, que também trabalhavam no trapiche, estimados em, no máximo, 600\$000 (OLIVEIRA, 2006, p. 60).

Em relação a esse aspecto, o pesquisador expõe que, com o desenvolvimento paulatino das cidades, as atividades desenvolvidas por escravizados se especializaram, exigindo de seus donos um investimento

na qualificação de alguns deles para o desempenho de certas profissões. Dessa forma, para dar conta de determinados ofícios, estes necessitariam dessas habilidades para concretizarem as prestações de serviços ofertadas, como, por exemplo, a alfaiataria, a carpintaria e o artesanato. Além disso, saber ler, escrever e/ou contar poderia encarecer o valor de mercado do escravizado.

O terceiro caminho assinalado por ele recai sobre a valor da alfabetização entre os negros e o papel das irmandades negras na sociedade colonial e pós-colonial brasileira. Segundo o pesquisador, a população negra via a alfabetização como algo que gozava de prestígio e, por isso mesmo, a incentivava, principalmente entre os mais jovens. Dessa forma, ele cogita a hipótese de que "os negros não se mantinham passivos em relação a saber ler e escrever; para eles, esse aspecto parece ter alguma representação positiva e, conscientes disso, advinha o incentivo a ele" (OLIVEIRA, 2006, p. 62). Para mais, ainda revela que é possível identificar, em alguns documentos históricos, trechos que indicam que meninos negros frequentavam alguns ambientes, chamados de "escolas", para serem alfabetizados e/ou para serem treinados para alguma profissão especializada, fato este que ocorre na *Devassa da Conspiração dos Alfaiates*. No rol de perguntas feitas a Luiza Francisca de Araújo, esposa de um dos principais acusados da conspiração, João de Deus do Nascimento, o notário pergunta para a depoente se ela tinha algum filho que aprendera a ler, escrever e contar e a mesma dá a seguinte resposta:

[fl. 4] Dice, que ela declarante tem cinco filhos, o mais velho tem de idade oito annos, e aprende a ler na escola de Fulano da Motta de tras da Capella de Nossa Senhora da Ajuda, e agora esta escrevendo por sima de letra branca e ainda não aprende a contar, e nem ella declarante sabe quem escreveu o sobredito papel (FLEXOR *et al*, 1998, p.401)

Como já fora apontado, era proibido a negros, em suas diversas matizes, frequentar ambientes escolares. Contudo, tal fato nos revela algo inquietante e que ainda carece de pesquisas mais aprofundadas para res-

ponder, por exemplo, se esse dado poderia ser um indício de uma prática comum nesse período, já que esse contingente parece não ter ficado totalmente alheio ao universo da cultura escrita.

Além desse aspecto, segundo ele, há “ainda indícios de que o letramento encontrasse valor positivo dentro de irmandades negras, tão comuns ao Brasil colonial e pós-colonial”. Em relação a isso, Oliveira (2006) nos revela que as irmandades negras foram muito comuns no passado brasileiro e tinham o objetivo de, a partir da devoção a um santo católico, congregar um conjunto de indivíduos para firmar um pacto que poderia significar um fortalecimento das relações destes entre si, pois elas “angariavam prestígio entre negros, escravos ou libertos, por terem se constituído em um dos poucos espaços legítimos na sociedade em que se praticavam ações assistenciais e por possuírem intensa vida social” (OLIVEIRA, 2006, p. 62-65).

Sobre as irmandades negras do Brasil especificamente, diz-nos o historiador João José Reis (1997, p. 12) que

[...] os estatutos das confrarias, chamados compromissos, e outros documentos constituem uma das poucas fontes históricas da era escravocrata escritas por negros ou pelo menos como expressão da sua vontade. As irmandades, aliás, produziram muita escrita.

Essa afirmação, junto às pesquisas desenvolvidas por Klebson Oliveira (2006) sobre a Sociedade Protetora dos Desvalidos⁷, faz-nos pensar que os espaços das irmandades negras poderiam ter favorecido a seus integrantes o aprendizado da leitura e da escrita, pois, em sua esfera, as ações de colaboração entre seus congregados, unidas à valorização da alfabetização entre os negros, possam ter colaborado para esse fim. Além disso, o caráter étnico de algumas delas, como a que há pouco foi referida, impedia a participação de brancos em sua conjuntura, por isso mesmo, eram os próprios negros quem deveriam desenvolver as atividades administrativas, como o caso de escrivães, tesoureiros, secretários e conselheiros, que exigiriam o conhecimento,

mesmo que parcial, da leitura, da escrita e da contagem. Essa questão foi, inclusive, tratada pelo próprio João José Reis (1997), quando este nos fala sobre algumas petições feitas por irmandades étnicas à Coroa portuguesa solicitando que os próprios negros assumissem os cargos de escrivão e tesoureiro, com a justificativa de que, com a “iluminação” do século, estes estariam aptos para desempenhar tal papel.

Perante tais vias, e com base nos números obtidos a partir da mensuração dos dados dos *autos* da *Conspiração dos Alfaiates*, da *Inconfidência Mineira* e da *Revolta dos Letrados*, propomos a inclusão de mais um caminho que possa ter favorecido a aquisição da escrita no período colonial e pós-colonial no Brasil, que abrange não somente negros, escravizados e/ou alforriados, mas também brancos e mestiços livres. Fala-se dos *movimentos de inconfidência*. Estes foram muito comuns entre meados do século XVIII e início do século XIX, no Brasil, e abarcaram um conjunto variado de indivíduos, que estavam interessados basicamente na independência da colônia e em relações sociais mais igualitárias⁸.

No caso da Sedição Intentada de 1798, os “homens de consideração”, através de conversas e/ou reuniões, difundiram os ideais franceses de *liberté, fraternité et égalité* para as camadas mais profundas da sociedade colonial. Foram esses homens e mulheres desfavorecidos, embebidos por tais pensamentos revolucionários democrático-burgueses, que iniciaram um movimento sedicioso que via a república como a solução para suas mazelas. Mas como estes iriam apreender os elementos teóricos da conspiração se, em sua maioria, não sabiam ler e/ou escrever? Suas bases seriam unicamente as falas dos “homens de consideração”? Se estamos falando de um projeto de construção de uma sociedade mais igualitária, por que não adentrar efetivamente no universo da escrita, visto de forma tão prestigiada pela sociedade colonial brasileira, sobretudo a partir do século XVIII?

Foram muitas as apreensões feitas de manuscritos com cópias, em sua maioria traduzidas, de livros teóricos sobre a Revolução Francesa. Como tais indivíduos as adquiriram? Através dos profissionais da escrita,

identificados nos *autos* como os *homens que viviam de escrever*? Ou, na realidade, foram eles mesmos quem os copiaram? Mesmo que não os tenham efetivamente reproduzido, por que esses homens e mulheres cobravam possuir tais manuscritos? Para lê-los? Não há respostas claras para tais questionamentos, mas não podemos deixar de lado o fato da intensa presença da escrita no movimento que compôs a *Revolução dos Búzios*.

Na *Inconfidência Mineira*, indivíduos das diversas camadas sociais agruparam-se num movimento com o intuito de aniquilar o domínio político-econômico que a metrópole matinha sobre a colônia, questionando, dentre outras questões, a enorme carga tributária exigida pela coroa sobre ouro. Esta, além de impedir o maior acúmulo do minério dourado, atingia fortemente os sujeitos mais pobres, pois inviabilizava a clara mobilidade social que caracteriza o contexto dos aglomerados urbanos que se constituíram entorno do extrativismo mineral. Dessa maneira, homens da elite, juntamente com indivíduos de camadas sociais intermediárias, viram na independência administrativa, pelo menos parcial, e monetária uma forma de compor uma nova realidade econômica para o Brasil, que proporcionaria aos abastados mais poder e aos pobres oportunidades de ascensão social.

O mote ideológico para essa sedição seriam os referências da independência dos Estados Unidos da América e do pensamento iluminista europeu. Tais propostas aqui chegavam através de livros diversos, que estavam sob a censura do Reino. Estes circularam entre os inconfidentes, quando tais obras eram emprestadas ou quanto eram copiadas, traduzidas e distribuídas entre os envolvidos nesse movimento, fato este que contribuiu fortemente para a propagação de ideias contrárias à lógica colonialista portuguesa. Em meio a isso, muitos homens acessaram produtos escritos variados, envolvendo-se intensamente com esse universo cultural, contribuindo com a circulação desta no seio do movimento. Sujeitos das camadas mais baixas, que não tinham adquirido a escrita, viram nela uma forma de acessar pressupostos que poderiam favorecer sua ascensão social, e isso pode ter cooperado para que

esses homens buscassem se alfabetizar, pois adquirir a escrita era uma das formas de se mover socialmente em direção às camadas mais altas da pirâmide social daquele período. Assim, os ventos sediciosos poderiam ter assoprado fortemente para que a escrita se propagasse entre os envolvidos, seja direta ou indiretamente, na *Inconfidência* das Minas Gerais.

Já a *Revolta dos Letrados* não compôs uma sedição nos moldes de um levante arquitetado, como observamos para os outros casos analisados aqui. Na realidade, no seio de uma Sociedade Literária, na qual muitas obras eram lidas e discutidas, e muitos escritos eram produzidos, diversos temas proibidos circularam entre os associados, principalmente quando tratavam das ideias iluministas que insistiam em circular. No seio dessa instituição, as personagens principais para a composição da forjada insurreição seriam justamente a leitura e a escrita, pois, por causa delas, foram feitas as denúncias sobre um possível movimento sedicioso que estava a se formar. Como as feridas da *Inconfidência Mineira* ainda estavam abertas, pois a condenação de seus envolvidos tinha sido recentemente concretizada, culminando, inclusive, no esquiteamento de um dos seus representantes, em 1792, as organizações que debatiam assuntos proibidos eram fortemente combatidas, não sendo diferente com a que foi fundada por Manoel Avarenga.

Na Sociedade Literária do Rio de Janeiro, além de notarmos uma intensa atividade de leitura e discussão de obras diversas, realizadas em sessões plenárias, como indica seu estatuto, também observamos uma grande produção de escritos, os quais, inclusive, passavam pelo crivo de revisores quando algum associado não escrevesse nos moldes normativos do português de então. Dessa forma, é visível que essa instituição contribuiu fortemente para a circulação da escrita entre os homens que eram associados a ela, colaborando, também, com a formação intelectual de muitos que ali estavam.

Porém, para se associar, o candidato precisaria conhecer a escrita para que pudesse acompanhar o andamento dos trabalhos desenvolvidos na Sociedade. Assim sendo, muitos indivíduos, vendo nesta institui-

ção uma escada para ascender socialmente, poderiam ter buscado formas para se alfabetizar, com o objetivo de tentar ser aceito como sócio, entrando para o rol dos chamados intelectuais da época. Uma possível evidência dessa questão seria a diversificação dos perfis sociológicos encontrados para os sujeitos que foram envolvidos no processo investigativo dessa forjada sedição, pois, apesar de termos um grande quantitativo de portugueses, muitos dos indivíduos que compunham os dados dos *autos* da *Revolta dos Letrados* eram oriundos de camadas sociais mais baixas. Para mais, é possível dizer ainda que o perfil de letrado não necessariamente tinha relação direta com o perfil dos homens pertencentes à elite econômica da época.

Levando em consideração a conjuntura de tais sedições, que contribuíram para a difusão social da escrita entre os insurgentes, os processos investigativos que pautaram os *movimentos de inconfidência* podem nos dar uma margem quantitativa parcial, a partir do contexto macroscópico e compósito da *assinatura*, para entendermos como estava difundida socialmente a escrita no Brasil colonial e pós-colonial, pois foram inúmeras as sedições, intentadas e concretizadas, nesse período em nosso país. Para mais, além de oferecer o escopo quantitativo, os processos dos movimentos de insurreição também nos oferecem indícios sobre a circulação da escrita em meio às atmosferas sediciosas, quando analisamos as apreensões feitas durante as investigações. Materiais de uso corrente da escrita, manuscritos que continham cópias de diversos livros censurados e até mesmo bibliotecas inteiras foram apanhadas como prova para a acusação de crime de *leja majestade*. Sendo assim, além de podermos observar a visível presença da escrita a partir do cômputo das assinaturas dos sediciosos, podemos também analisar a intensa circulação desta em tais contextos, demonstrando, assim, que essa atmosfera, além de agrupar um diversificado perfil de sujeitos escreventes, e colaborar para a intensa circulação da escrita nesse universo, pode ter contribuído fortemente para sua difusão entre aqueles que ainda não tinham a adquirido, principalmente os que não estavam em condições favoráveis para adentrar na orbe cultural da escrita⁹.

De uma forma ou de outra, essa investigação ilumina rastros que podem colaborar para o estabelecimento de indícios que contribuam para a reconstituição histórica da difusão social da escrita no Brasil colonial. Assim sendo, levantando questionamentos e propondo novos caminhos para o entendimento desse fenômeno, trouxemos aqui algumas “fotografias” de um extenso “álbum” das cores da escrita sediciosa. Aqui, demos um pequeno passo de um longo caminho que precisa ser percorrido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi apresentado até aqui, podemos tecer algumas considerações sobre essa investigação. Primeiramente, como vimos, a afirmativa de que não haveria *fontes* para as pesquisas que se enveredam sobre a difusão social da escrita no Brasil não se confirma, pois as *devassas* são manifestações documentais da realidade jurídico-administrativa de nosso país, desde sua fase colonial, muito utilizadas para os trâmites legais que aqui foram desenvolvidos. Por isso mesmo, levando em conta uma lógica programática de levantamento de *fontes* e análise de informações colhidas em tais testemunhos, podemos compor, mais tarde, uma base de dados que poderá nos aproximar de uma realidade tão longínqua de nossa história, e que ainda carece de muitas pesquisas. Para este trabalho, pautamos três esferas que compõem um conjunto de histórias parciais que serão constituídas paulatinamente e que poderão, no futuro, explanar de forma panorâmica os perfis sociais da escrita daqueles que se fizeram presentes nos diversos processos judiciais de nosso país.

Para além disso, especificamente sobre nossa pesquisa, é possível dizer que as *devassas* aqui analisadas agruparam, em sua maioria, indivíduos que conheciam minimamente o universo cultural da escrita, havendo somente poucos sujeitos que não assinaram seus depoimentos, como podemos observar durante a descrição e análise dos dados apresentados aqui. Dessa maneira, levantamos a hipótese de que os *movimentos de inconfidência* são contextos favoráveis para agrupar indivíduos que tinham alguma relação com a escrita, mesmo que ínfima, quando tratamos do universo compósito da

assinatura. Para mais, além de congregar aqueles que sabiam assinar seus nomes, tais *movimentos* poderiam ter contribuído para a difusão da escrita entre aqueles que não poderiam, por exemplo, frequentar ambientes escolares, como africanos e afrodescendentes. Como vimos, os pardos, entre os não brancos, representam um contingente de maioria de firmantes, assemelhando-se da realidade dos brancos e prováveis brancos. Além disso, encontramos filhos de africanos que também assinaram seus nomes diante do notário. Assim sendo, perante uma atmosfera sediciosa, que debatia constantemente aspectos teóricos censurados pela Coroa, com base em obras contrabandeadas, copiadas por muitos indivíduos, a escrita pôde ter sido adquirida por aqueles que não tiveram acesso a procedimentos de alfabetização comuns para aquela época.

Nossa hipótese se confirmará mais claramente quando pautamos a circulação da escrita em tais conjunturas. Em uma avaliação preliminar, a escrita parece ter circulado intensamente em tais movimentos, sendo, inclusive, motivação primordial para a composição das *devassas* da *Conspiração dos Alfaiates* e da *Revolta dos Letrados*, por exemplo. Por isso mesmo, levando em conta os *autos de sequestros de bens* dos insurgentes, além de pesquisas anteriores sobre a questão do livro e da manuscritura em tais sedições, é possível notar a clara presença e a intensa circulação da escrita entre aqueles que não a conheciam e que se integraram aos movimentos de insurreição de finais do século XVIII.

NOTAS

- 1 É importante destacar o importante papel de Antonio Castillo Gómez e Roger Chartier na proposição de diversos elementos teórico-metodológicos do campo *História da Cultura Escrita*, o qual abarca, a partir das últimas décadas, as pesquisas que se debruçam por questões que se enveredem sobre as práticas, as representações e/ou os discursos do elemento escrito em suas diversas dimensões.
- 2 A difusão social da escrita, entendida genericamente como pura e simples capacidade de escrever, inclusive em seu nível mais baixo, quer dizer, como porcentagem numérica dos indivíduos que em cada comunidade estão em condições de empregar ativamente os signos do alfabeto; que deve unir-se e comparar-se com o quociente de difusão social passiva dos produtos gráficos, constituído pelos destinatários das mensagens escritas, seja como leitores, seja como usuários do escrito, inclusive de uma maneira indireta, quer dizer, meramente visual.
- 3 A função que a escrita em si mesma assume no âmbito de cada sociedade organizada e que cada tipo de produto gráfico assume, por sua

vez, no âmbito de um ambiente cultural concreto que o produz e o emprega; de onde deriva (ou pode derivar) o grau de prestígio social dos escreventes (ou melhor, dos capazes de escrever) na hierarquia social.

- 4 No caso da Itália, por exemplo, vários estudiosos se concentraram em estudos localizados, a partir de arquivos dispersos, para alcançarem uma visão coletiva dos dados históricos dos níveis de alfabetismo no país (BARTOLI; TOSCANI, 1991). Estranha-se, ainda, o fato de a autora não ter mencionado como fontes para este tipo de estudo testamentos e inventários que, pelo menos a partir do século XVII, são mananciais sistemáticos, seriados e localizados.
- 5 Para esta investigação, trataremos especificamente da distribuição social da escrita do contingente masculino dos dados coletados. Contudo, é preciso ressaltar que, mesmo infimamente, as mulheres também se fizeram presentes em tais processos devassatórios.
- 6 Os dados do primeiro censo oficial do Brasil de 1872 estão disponíveis no Núcleo de Pesquisa em História Econômica e Demográfica, através do sítio eletrônico www.nphed.cedeplar.ufmg.br.
- 7 Conferir *Negros e escrita no Brasil do século XIX: sócio-história, edição filológica de documentos e estudo linguístico*, de Klebson Oliveira (2006).
- 8 Sobre a ideia de igualdade propagada pelos ideais da Revolução Francesa, a Declaração Universal dos Direitos do Homem e do Cidadão, de 02 de outubro de 1789, em seu XI artigo, diz-nos que a capacidade de escrever é um direito universal de todo e qualquer homem, como pode ser observado no trecho a seguir: “A livre comunicação de pensamentos e opinião é um dos direitos mais preciosos do homem; todo cidadão pode pois falar, escrever, imprimir livremente, salvo quando tiver que responder do abuso dessa liberdade nos casos previstos pela lei”.
- 9 A descrição e a análise dos elementos que indicam a intensa circulação da escrita em movimentos sediciosos, quando tratamos das apreensões das sedições baiana, mineira e carioca, serão abordados na versão final desta Tese.

REFERÊNCIAS

- Autos da Devassa da Inconfidência Mineira* (1981) v.3. 2ª ed. Brasília: Câmara dos Deputados; Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais.
- AZZI, RIOLANDO (2001). *A Sé Primacial de Salvador: a Igreja Católica na Bahia (1551-2001)*. Petrópolis: Editora Vozes.
- CASTILLO GÓMEZ, Antonio (2003). Historia de la cultura escrita: ideas para el debate. *Revista Brasileira de História da Educação*, n. 5, janeiro/junho, p. 94-124.
- CHARTIER, Roger (2004). As práticas da escrita. In: ARIÈS, Philippe; CHARTIER, Roger. (Orgs.). *História da vida privada: da Renascença ao século das luzes*. 1 ed., 11 reimpr. São Paulo: Companhia das Letras. p. 113-161.
- FLEXOR, Maria Helena Ochi *et al* (1998). *Autos da Devassa da Conspiração dos Alfaiates*. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo/Arquivo Público do Estado da Bahia. 2 v.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira (2010). Histórias das culturas do escrito: tendências e possibilidades de pesquisa. In: CARVA-

LHO, Gilcinei Teodoro; MARILDES, Marinho (Org.). *Cultura escrita e letramento*. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 218-248.

GANDRA, Ana Sartori (2010). *Cartas de amor da Bahia do século XX: Normas linguísticas, práticas de letramento e tradições do discurso epistolar*. 525f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

LANGELI, Bartoli; TOSCANI, Xenio (org.) (1991). *Istruzione, alfabetismo, scrittura*. Saggi di storia dell'alfabetizzazione in Italia (sec. XV-XIX). Milão: FrancoAngeli.

LOBO, Tânia (2009). Arquivos, acervos e a reconstrução histórica do português brasileiro. In: OLIVEIRA, Klebson; SOLEDADE, Juliana; FERNANDES, Hirão (Orgs.). *Do português arcaico ao português brasileiro: outras histórias*. Salvador: EDUFBA, p. 305-327.

MARQUILHAS, Rita (2000). *A faculdade das letras: leitura e escrita em Portugal no século XVII*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

MARTINS, Lucas Moraes (2010). *Uma genealogia das devassas na história do Brasil*. Anais do XIX Encontro Nacional do CONPEDI. Fortaleza – CE. 09, 10, 11 e 12 de Junho. Disponível em: <http://www.conpedi.org.br/manaus/arquivos/anais/fortaleza/3245.pdf>. Último acesso: 15 de março de 2012.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (2004). A generalizada difusão da língua portuguesa no território brasileiro. In: *Ensaio para*

uma sócio-história do português brasileiro. São Paulo: Parábola. p. 91-108.

OLIVEIRA, Klebson (2006). *Negros e escrita na Bahia do século XIX: sócio-história, edição filológica de documentos e estudo lingüístico*. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Bahia, Salvador. 4 v.

PETRUCCI, Armando (1999). *Alfabetismo, escritura, sociedad*. Barcelona: Gedisa.

SOARES, Magda (2006). Letramento: como definir, como avaliar, como medir. In: SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2 ed, 11 reimpr. Belo Horizonte: Autêntica.

TAVARES, Luís Henrique Dias (1975). *História da sedição tentada na Bahia em 1798 "A Conspiração dos Alfaiates"*. São Paulo: Pioneira; Brasília: INL.

O AUTOR

André Moreno é Licenciado e Bacharel em Letras e Mestre em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia. Atualmente, está desenvolvendo sua Tese de Doutorado na mesma Instituição, pautando a difusão social da escrita em movimentos sediciosos nos finais do século XVIII. É professor de filologia e língua portuguesa da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: amoreno@uneb.br